

HOMENAGENS

“Si monumentum requiris circumspice” – se queres o monumento olha em torno. Embora a frase tenha sido criada com sentido irônico, ela cabe perfeitamente também se associada seriamente à homenagem prestada a pessoas essenciais e suas obras; o UniBrasil optou por nomear espaços importantes de seu campus em preito a elas, monumentos vivos que nos rodeiam. A memória dessas pessoas não pode se perder, deve permanecer como exemplo e lembrança do que realizaram e de quem foram.

Viver e escrever

Homenagem: Auditório Edla Van Steen

Muito justa a homenagem que o UniBrasil Centro Universitário fez a Edla Van Steen, dando seu nome ao auditório instalado no Bloco 1 dessa instituição. Edla foi uma notável escritora, autora de romances, contos e peças teatrais, bem como de obras infanto-juvenis, biografias, traduções e adaptações. Ela merece ser lembrada não só pela sua obra literária, que conquistou vários prêmios importantes, mas também pelo belíssimo trabalho desenvolvido junto à editora Global, em cerca de trinta anos.

Edla Van Steen merece ser lembrada não só pela sua obra literária de mais de vinte volumes, que conquistou vários prêmios importantes (Molière, Associação Paulista de Críticos de Arte, Academia Brasileira de Letras etc.), mas também pelo belíssimo trabalho desenvolvido junto à editora Global, em cerca de trinta anos, para a qual coordenou as coleções “Melhores poemas”, “Melhores contos” e “Melhores crônicas”, além do “Roteiro da poesia brasileira”, em 15 volumes. Praticamente toda a literatura brasileira está representada nesses livros, que atingiram um público enorme.

Não vou fazer aqui um estudo da obra de Edla, uma vez que me foi solicitado um breve texto para apresentar mais a pessoa do que a escritora. E isso pela simples razão de ter sido seu amigo desde meados da década de 1980, quando a conheci, por intermédio de seu marido, o crítico teatral Sábato Magaldi. Eu havia sido seu aluno numa disciplina de pós-graduação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, na década anterior, e dez anos depois tornei-me professor de literatura brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da mesma universidade. Ao mesmo tempo, comecei a escrever resenhas sobre obras teatrais para o Jornal da Tarde, no qual Sábato escrevia regularmente como crítico teatral. Ele era amicíssimo de Décio de Almeida Prado, que fora meu orientador na pós-graduação. Acabamos nos aproximando, pelo interesse comum pelo teatro brasileiro, e nos tornamos amigos. Passei a frequentar sua casa e logo de cara Edla e eu nos entendemos muito bem. Ela gostava de conversar sobre literatura e eu me lembro perfeitamente de que seu conhecimento de autores

antigos e modernos, brasileiros e estrangeiros, era extraordinário. Leitora voraz, comentava com conhecimento de causa os aspectos psicológicos dos contos e romances de Machado de Assis; a técnica narrativa de Tchekhov; o intimismo de Strindberg ou a comicidade de Molière. E conhecia como poucos a literatura brasileira contemporânea, que acompanhava de perto, até porque fazia parte dela. Aliás, seu principal círculo de amigos era formado por escritores e escritoras, bem como por artistas dramáticos. Para muitos deles traduziu peças que foram encenadas com sucesso. Edla adorava receber

AUTOR

João Roberto Faria

Mestre, doutor e livre-docente em Literatura Brasileira pela USP, de onde é aposentado; professor visitante na UniFesp (Escola de Filosofia Letras e Ciências Humanas); pesquisador associado da BBM (Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin); desenvolvendo o projeto “Teatro e escravidão no Brasil”.



Edla Van Steen

e fazia jantares memoráveis, procurando aproximar as pessoas que ela sabia terem interesses comuns. Conheci muita gente interessante nesses jantares, principalmente professores franceses que ela e Sábato conheceram quando viveram em Paris, onde ele deu aulas na Sorbonne.

Edla era modesta quando falava de sua obra. Conversamos muito sobre seus romances, contos e peças teatrais, e não poucas vezes ouvi suas explicações acerca de seu processo criativo e das técnicas narrativas que empregava, como o monólogo interior, o contraponto, a simultaneidade e o uso de diálogos, que dominava como poucos. Edla podia partir da simples observação de uma pessoa na rua, num restaurante, num banco de jardim, para criar um personagem enigmático, de rica vida interior, mas com os pés fincados na realidade social do país. O desafio era sempre encontrar a melhor forma de narrar, uma vez definido o enredo a ser trabalhado e a linguagem adequada aos tipos e situações, porque ela dizia que não tinha um estilo único. Como afirmou num curto texto autobiográfico:

“*Em cada conto, uma linguagem diferente: nunca me preocupei em ter meu ‘estilo’. Sempre dei, e dou, preferência a encontrar alguma coisa coerente com o personagem ou a situação.*”

Aspecto relevante de sua obra é a força da voz feminina. Edla era uma feminista no bom sentido da palavra. Não aceitava as limitações impostas à mulher e a pintava no seu enfrentamento com a sociedade e com o sexo oposto. Daí ter criado mulheres fortes, em busca de realização pessoal e profissional, de autonomia e liberdade, sem deixar de apreendê-las em seus acertos e desacertos. Uma literatura, enfim, em boa medida preocupada em captar a sensibilidade feminina num mundo que lhe é adverso. Edla foi uma grande narradora, senhora de uma prosa madura e linguagem quase sempre coloquial, à procura do que Antônio Carlos Secchin definiu como o “nervo da vida”, ou seja, o desejo de só falar sobre o que nos interessa de perto: a natureza humana, com todas as suas contradições.

Edla afirmou certa vez que Viver e Escrever foi seu trabalho mais difícil e complexo. O que mais a desafiou. Nessa obra em dois volumes, publicados em 1981 e 1982, ela entrevistou trinta e seis escritores brasileiros então em plena atividade. Os mais representativos da literatura brasileira naquela altura. A seriedade desse trabalho impressiona. Edla leu praticamente as obras completas dos escritores antes de entrevistá-los. No seu gênero, é um trabalho sem igual, pois o título que deu a essa coletânea de entre-

vistas resume bem a sua própria trajetória de mais de cinquenta anos dedicados à literatura e à cultura. Afinal, ela mesma se definia como “grafomaniaca”, dizendo: “A gente escreve porque não consegue não escrever. É a razão da vida”. Ou:

“*Não consigo não ler e escrever, e capitalizo o vício publicando livros meus e de outros autores. Sou um ser coletivo. E, sempre que me pedem, consigo editores para os meus muitos amigos.*”

Eis aí uma característica singular de Edla: a generosidade. Some-se a isso o interesse pela literatura de autores consagrados e novos, que ela adorava descobrir e editar e podemos então entender que tenha dito numa entrevista: “Gosto de publicar livros dos outros, mais do que os meus, porque nunca fico realmente satisfeita com o resultado”. Mais ainda: podemos entender porque dedicou uma grande parte de seu tempo ao trabalho de organizar coleções para a editora Global, que foram um sucesso. Posso testemunhar o cuidado com que Edla dirigia as coleções. A seu convite, organizei o volume com as melhores crônicas de José de Alencar. Em nossas conversas, recebi orientações precisas para fazer a seleção dos textos e redigir um breve estudo introdutório.

Em outras duas oportunidades pude ver de perto não só o profissionalismo de Edla na organização de livros, mas também a pessoa desprendida que foi, deixando de cuidar da própria obra para editar os textos de Sábato Magaldi. Ela deu uma verdadeira prova de amor ao marido ao organizar o vasto material contido nos livros Amor ao Teatro (2014) e Na Plateia do Mundo (2017).

Sábato havia sido crítico teatral do Jornal da Tarde, entre 1966 e 1988, e nunca se preocupara em guar-



dar ou publicar os textos que escreveu ao longo de vinte e dois anos. Edla sabia que esse material era importantíssimo para a preservação da memória do teatro brasileiro moderno e, enfrentando enormes dificuldades para reunir tantos textos dispersos, não se intimidou. Contando com a ajuda de José Eduardo Vendramini, conseguiu um resultado extraordinário: organizar um impressionante volume com 1223 páginas e 783 textos críticos, selecionados após leitura cuidadosa e atenta de vasto material jornalístico. Lembro-me da noite do lançamento desse livro. Edla estava felicíssima, ao lado de Sábato e rodeada de dezenas de amigos e amigas que foram compartilhar a alegria de ver publicado um trabalho de tamanha envergadura e que estava destinado a se tornar referência nos estudos teatrais brasileiros.

Quando reuniu os textos críticos de Sábato, Edla decidiu organizá-los em dois volumes: o primeiro, contendo apenas os que se referiam ao teatro brasileiro; o segundo, dedicado aos comentários sobre espetáculos dados por companhias estrangeiras, no Brasil

ou no exterior. Assim, em 2017 foi publicado *Na Plateia do Mundo*. Tive a grata satisfação de ser convidado por Edla – Sábato já não estava vivo – para escrever um prefácio para esse livro. Uma prova de amizade e confiança que me deixou muito feliz. Em nossas conversas, nessa época, pude ver como ela sentia a falta do marido. Creio que os dois livros que ela organizou, com tanto empenho e carinho, foram motivados pelo amor e admiração que tinha por Sábato. Ela soube avaliar a importância dos seus escritos e, desprendida e generosa, dedicou-se a esse extraordinário trabalho, que diz tudo sobre a pessoa que foi.

Um dos seus últimos gestos de quem tinha apreço pelo nosso patrimônio cultural foi a doação que fez ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo de uma carta escrita por Mário de Andrade a Sábato, então um jovem aspirante a poeta. Em novembro de 2017, Marcos Antônio Moraes e eu a entrevistamos a propósito dessa doação. Soubemos então que ela também havia doado a biblioteca de Sábato à Universidade Federal de Minas Gerais. Como se estivesse preparando a jornada final, ocorrida alguns meses depois. Leitora de Manuel Bandeira, poderia dizer, ao partir, que deixou “a casa limpa, a mesa posta, com cada coisa em seu lugar”.

